

## A (RE)PECUARIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO NORDESTINO: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E REABILITAÇÃO SIMBÓLICA DO RURAL NO PAJEÚ (PE)

Aldo Manoel Branquinho Nunes<sup>1</sup>

**Submetido em:** 24/07/2017

**Aprovado em:** 30/09/2018

### Resumo

Com esse trabalho, pretendeu-se analisar alguns elementos da dimensão cultural que fundamentam o processo de expansão da pecuária no Sertão nordestino aqui denominada de (re)pecuarização. Foram focalizados alguns eventos culturais que se realizam em dois municípios da Microrregião do Pajeú, no Estado de Pernambuco e que, de certa maneira, atualizam a simbologia do rural a partir da atividade pecuária. Para tanto, utilizou-se de um aparato teórico-metodológico que combinou observação participante e análise de discursos para compreender como vaquejadas, missas com vaqueiros, cavalgadas, pegadas de boi e laços de bodes fundamentam as escolhas produtivas em favor da pecuária e legitimam socialmente essa atividade como a imagem preferencial do rural nordestino e como parte do estilo de vida de indivíduos.

**Palavras-chave:** Pecuarização; Práticas de Sociabilidade; Mundo Rural

## THE “(RE)PECUARIZATION” OF “NORDESTE” SEMI-ÁRID IN BRAZIL: CULTURAL MANIFESTATIONS AND SYMBOLIC RURAL REHABILITATION IN PAJEÚ (PE)

### Abstract

This work intended to analyze some elements of the cultural dimension that underlies the process of expansion of livestock in the “Sertão nordestino” which is here denominated “(re)pecuarization”. Some cultural events that take place in two municipalities of the Pajeú micro region in the Pernambuco state were focused on, what in a certain way update the symbology of the rural world from the cattle breeding activity. In order to do so, was used a theoretical-methodological ‘apparatus’ that combines participant observation and discourse analysis to understand how “vaquejadas”, “missas com vaqueiros”, “cavalgadas”, “pegadas de boi” e “laços de bode”, base the productive choices in

<sup>1</sup>Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PP-GCS/UFCG); email: varzeavermelha@bol.com.br.

favor of cattle breeding and legitimize, in the society, this activity as the preferred image of rural, in “Nordeste” and as part of individual’s way of life.

Keywords: Pecuarization; Sociability Practices; Rural World

## INTRODUÇÃO

Flagelo nacional com reconhecimento internacional, o fenômeno das secas periódicas, característica ecológica central do Semiárido nordestino, voltou, entre os anos de 2012 e 2017, a ocupar as principais manchetes de jornais escritos e televisionados do Brasil. O clímax dessas reportagens, ao contrário do que ocorria no passado, não é mais a fome, falta de mantimentos ou a falta de água para humanos, mas sim a morte de animais, as milhares de carcaças, principalmente de bovinos, ao chão sendo devoradas por urubus. Esse quadro causa espanto e instiga inúmeras questões: a) como é possível essa tragédia se repetir a cada década? b) Por que os governantes não tomam providências efetivas em relação a isso? c) Por que os governos, as instituições financeiras, os órgãos envolvidos com pesquisa e assistência técnica insistem num modelo de desenvolvimento que tem o criatório de animais como foco? d) Por que as pessoas criam gado, se ano após ano, esgotam suas energias para mantê-lo vivo com pouca ou nenhuma expectativa de lucro?

Com esse trabalho, não se pretende responder a todas essas questões, apenas colocar alguns elementos relativos à última delas, ou seja, refletir um pouco sobre os motivos que fazem com que essas pessoas se interessem em criar animais, apesar das constantes atribulações que passam para mantê-los vivos (quando conseguem mantê-los vivos). Nesse sentido, o foco do trabalho será a dimensão cultural que influencia essa escolha produtiva.

O certo é que a atividade produtiva da pecuária está intimamente relacionada com o Semiárido desde o período colonial. No presente, apresenta-se ora como permanência (ou herança) em relação ao passado, ora como renovação. Se, por um lado, não se pode dizer que, em algum momento histórico, a pecuária deixou de ser acessada enquanto estratégia produtiva, vindo a ressurgir em outro período como atividade dominante; por outro, deve-se reconhecer o processo de resignificação que a criação de animais vem sofrendo, especialmente nas últimas três décadas – refletida no crescimento dos rebanhos (até 2011, pelo menos), no aumento das áreas destinadas às pastagens e na diminuição das áreas destinadas às lavouras temporárias. Assume-se, portanto, que esse processo de resignificação da pecuária – a que se está a chamar (re)pecuarização – no campo da prática e do discurso, tem engendrado transformações que perpassam/repercutem num leque bastante amplo das esferas da vida social do espaço rural e mesmo do espaço urbano de grande parte dos municípios do Semiárido nordestino, em especial nas relações de trabalho, nas estratégias de reprodução social de grupos de agricultores familiares, na ocupação do solo e no uso de recursos naturais.

Assim, entende-se a (re)pecuarização como o processo de reabilitação da pecuária, que não significa somente a retomada da atividade de uma forma diferente da que foi introduzida no Semiárido, no período colonial, mas uma forma de recolocar o sentido discursivo para além da valoração negativa, divulgada pelos estudos sobre a pecuarização, de cunho marxista, muito comuns na década de 1980. Utiliza-se o prefixo “(re)” para fazer referência a um novo processo de modernização, para além do sentido puramente de avanço tecnológico, ou só comprometido com o desenvolvimento econômico, mas no sentido weberiano de racionalização das condutas individuais. Assume-se que esse referido processo de resignificação da pecuária, no campo da prática e do discurso, tem engendrado transformações que perpassam/repercutem num

leque bastante amplo das esferas da vida social do mundo rural e até mesmo das áreas urbanas de grande parte dos municípios do Semiárido nordestino – em especial nas relações de trabalho, nas estratégias de reprodução social de grupos de agricultores familiares, na ocupação do solo e no uso de recursos naturais (Nunes, 2011).

No Pajeú, Microrregião do estado de Pernambuco, esse processo de expansão da pecuária, que aqui estar-se por chamar de (re)pecuarização é visualizado pelo aumento do efetivo de ruminantes, economicamente relevantes (bovinos, ovinos e caprinos), e demandantes de quantidades significativas de espaço com pastagens.

De 1975 a 2008, na microrregião, que acompanha uma lógica regional, os rebanhos tiveram um acréscimo de 183%, conforme dados da Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Essa expansão no efetivo de ruminantes está relacionada com a diminuição (na ordem de 27%, de 1995 a 2006, segundo números do Censo Agropecuário) das áreas destinadas a lavouras temporárias (ou destinadas à agricultura de sequeiro que são, para a agricultura familiar do Semiárido, uma importante fonte de subsistência) e o aumento das áreas destinadas às pastagens plantadas (na ordem de 33%, entre 1995 e 2006).

Chama ainda mais atenção, o fato de o Pajeú – que é, através da feira de gado de Tabira (PE), o segundo maior polo de comercialização de animais do Estado de Pernambuco – ser uma área de predomínio, segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, da agricultura familiar que ocupa 61% da área agrícola e detém 76% do rebanho de bovinos (NUNES, 2011). Aspecto que coloca a agricultura familiar como protagonista desse processo e questiona certa bibliografia tradicional – como Caio Prado Jr. (2008), Celso Furtado (2007), Manuel Correia de Andrade (1998), dentre outros – que colocam o criatório de animais como uma atividade própria da grande propriedade.

Num mesmo sentido, essa microrregião vivencia, nos últimos anos, um claro direcionamento das políticas públicas federais, estaduais e municipais destinadas ao incentivo da agricultura familiar em favor da pecuária, como por exemplo, o Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (PRONAF), que até 2010 destinou 97,8% dos recursos liberados para o investimento nas atividades do criatório, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que tiveram, respectivamente, 97% e 46% dos recursos destinados à compra de produtos de origem animal.

Associados a esses aspectos, destaca-se a emergência de toda uma arena discursiva em favor da pecuária em que estão presentes as mais diversas instituições públicas e privadas (bancos, instituições de pesquisa, assistência técnica, extensão rural, cooperativas, associações) e o ressurgimento de eventos artístico-culturais, religiosos e esportivos que, ao mesmo tempo, legitimam os projetos produtivos que envolvem a criação de animais e reabilitam alguns símbolos históricos dessa atividade - como a imagem da coragem do vaqueiro ou da imponência do fazendeiro (NUNES, 2011).

É justamente sobre esse último aspecto que esse trabalho enfocará, nesse processo de legitimação simbólica do projeto da pecuária que tem como protagonistas os próprios atores (criadores, vaqueiros e tratadores de animais). Além dos aspectos de cunho econômico, mais ligados ao negócio, a geração de emprego e renda e da relação entre diferentes grupos e classes sociais que se inserem no mundo da pecuária – já analisados em trabalhos especificamente sobre a vaquejada, como o de Barbosa (2006) e o de Aires e Assunção (2016) – destaca-se, na microrregião, a partir da reflexão em torno de práticas de sociabilidade, certo ressurgimento ou revalorização de alguns símbolos que representam a pecuária na sua dimensão mais cultural e histórica e recoloca essa atividade como um dos símbolos preferenciais e predominantes do mundo rural nordestino.

O entendimento desse processo é importante porque essa reabilitação simbólica (que opera, mais apropriadamente nessas localidades, através da realização de eventos culturais, religiosos, artísticos e esportivos tais como missas com vaqueiros, “pegas de bois”, vaquejadas, cavalgadas e exposições de animais) recoloca a pecuária, em primeiro plano, na arena discursiva, de maneira a legitimar os projetos territoriais que têm como foco o criatório, em detrimento dos projetos que enfocam mais a agricultura, como parte de processos de reconversões produtivas vivenciadas na região do Pajeú (PE), após a crise do sistema algodão-gado-moradia-latifúndio<sup>2</sup>, a partir de meados da década de 1980.

Para tanto, analisar-se-á, do ponto de vista sócio-antropológico, uma série de atividades de cunho econômico, social, cultural, religioso e esportivo, que incentivam o criatório, legitimam o projeto da pecuária e reabilitam os símbolos históricos dessa atividade, nas imediações dos distritos de Bonfim (PE) e Santa Rita (PE) - pertencentes aos municípios de São José do Egito (PE) e Tuparetama (PE), respectivamente. Apresenta-se, portanto, ensaios analíticos de missas com vaqueiros, pegas de bois, vaquejadas, bolões de vaquejada, cavalgadas e laços de bode, ocorridas entre os anos de 2010 e 2016, nesses locais.

## 1. A MISSA COM VAQUEIROS E A PEGA DE BOI: A PECUÁRIA COMO SÍMBOLO DO RURAL

Até a década de 1980 ocorreu, de forma generalizada, no interior do Nordeste, especialmente no Pajeú, processos de regularização fundiária e cercamento das terras com arame farpado. Esse fato deu novo sentido à profissão de vaqueiro, que deixou de se ocupar eminentemente com a reunião e apartação do gado e das reses desgarradas, nos pastos extensivos, para tronar-se mero tratador dos animais que, a partir de então, são criados no interior das propriedades, em sistemas de criação intensivos ou semi-intensivos.

No entanto, tem se tornado comum, a cada ano, a referência e homenagem a essa categoria profissional do passado, por grande parte de setores da sociedade (inclusive por integrantes da igreja católica) como recurso de afirmação identitária da região. É nesse contexto que se insere a realização e consolidação da missa com vaqueiros, enquanto evento cultural anual do distrito de Bonfim (que nesse ano de 2018, estará na sua 18<sup>a</sup> edição), o que, de certa maneira, contribui com a legitimação dos estilos de vida e dos projetos territoriais relacionados com a pecuária (especialmente da bovina) naquele lugar.

A missa com vaqueiros de Bonfim, que ocorre todos os anos no terceiro fim de semana do mês de dezembro, foi uma das primeiras missas a serem realizadas com o intuito de “celebrar e homenagear” a figura histórica do vaqueiro na região mais à montante do Pajeú, fato, que, de certa maneira, passou a influenciar a realização desse evento em outros municípios, como Itapetim - PE (que estará na 17<sup>a</sup> edição), Tuparetama -PE (que estará, na 13<sup>a</sup> edição).

Em Bonfim (PE), a missa com vaqueiros segue uma ritualística semelhante a que é desenvolvida no município de Serrita (PE) – a primeira a ser realizada no Estado de Pernambuco, com mais de quarenta anos de história – que foi criada pelo Padre João Câncio e pelo cantor Luiz Gonzaga, em homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó (primo de Luiz Gonzaga), que foi assassinado numa “pega de boi”, quando tentava apartar o gado da fazenda onde trabalhava, em meados de 1950.

<sup>2</sup>Sistema produtivo descrito por Silva e Lima (1982).

Figura 1 – Cartaz de divulgação da Missa com vaqueiros e pega de boi no mato no distrito de Bonfim, São José do Egito (PE)



Fonte: Acervo do autor

Algumas inovações, porém, como forró, pega de boi, sorteio de brindes, sorteio de um cavalo (como demonstra a Figura 1) foram introduzidas na dinâmica da festa que, no presente, ocorre em dois dias consecutivos. Na noite que antecede a missa, ocorre a abertura oficial do evento, em que estão presentes e discursam as pessoas responsáveis pela organização<sup>3</sup>, bem como políticos<sup>4</sup> e patrocinadores. Logo após, ocorre um forró no clube social do distrito, onde se apresentam artistas locais e de municípios vizinhos para receber as caravanas de vaqueiros dos municípios e dos estados vizinhos, que começam a chegar já no sábado.

Ao amanhecer do dia, a comissão organizadora continua a receber os vaqueiros (entendidos como aqueles que se utilizam de animais para montaria) que recebem senhas para terem acesso ao café da manhã e almoço. Após o almoço, é ligado um carro de som que alterna músicas (geralmente forró, cujas letras são relacionadas com o mundo rural, festas de vaquejada, a labuta dos vaqueiros e a “vida do gado”) com toadas e aboios<sup>5</sup>, sejam gravados por duplas de renome na região, sejam recitados ou improvisados de repente.

Alguns dos vaqueiros montados (uma minoria, com cerca de 40 pessoas) realizam um tipo de inscrição a partir do pagamento de uma taxa no valor de 30 reais para participarem do outro evento relacionado com a missa, a “pega de boi”. Feitas as inscrições e com as “gargantas temperadas” com cachaça, ou outra bebida alcoólica mais forte, a “vaqueirama”, em fila for-

<sup>3</sup>Cerca de 40 pessoas – que tem funções variadas, desde cozinhar, ornamentar a igreja, até alimentar e abater animais – compõem essa comissão organizadora.

<sup>4</sup>É interessante notar que, na história da missa, a comissão organizadora, formada por moradores do distrito e dos sítios do entorno, nem sempre conta, como não contou nessa edição de 2010, com o apoio da gestão municipal.

<sup>5</sup>Poemas com estrofes em forma de sextilha, sétima ou em décima, entoados por uma melodia chorosa e melancólica concatenada com gritos de chamamento do gado (como por exemplo, êêêê, ôôôôaaaa), utilizados para reunir as reses soltas no pasto, que, de forma curiosa, obedecem ao chamado e vêm até os currais para serem trancados e manejados.

mada por duplas, ao som de “toadas de gado” e “aboindo”, se dirigem a alguma propriedade vizinha que tenha “manga<sup>6</sup>” (no caso de 2010 foi utilizada a reserva legal de um assentamento vizinho a Bonfim (PE), que tem o mesmo nome do distrito), onde são soltos os bois dos mais ariscos, que deverão ser pegos por vaqueiros, em sua maioria, jovens ou homens de meia idade, vestidos com a indumentária tradicional do vaqueiro, toda feita em couro (chapéu, “perneiras”, “gibão”, peitoral, luvas e sapatos/botas). O trecho da “toada” a seguir, que foi cantada no trajeto entre Bonfim (PE) e o assentamento, em dezembro de 2010, é um exemplo de como ocorre a instigação dos participantes (através da exortação das ideias de coragem, sentimentalismo e resignação da figura histórica do vaqueiro) a realizarem sua missão, “pegar os bois no mato”:

“Vaqueiro quando é vaqueiro,  
pega a rês amarra e ferra,  
Não teme mato fechado,  
Grutilhões nem pé-de-serra,  
O coração do vaqueiro,  
Tem manchas do pó da terra

O aboio do vaqueiro,  
Deixa a terra estremecendo  
Sua voz melodiosa  
Nos ares se estendendo,  
Parece o som da cascata  
Ou cachoeira gemendo

O vaqueiro paciente  
Trabalha não se aborrece  
Prende a vaca tira leite,  
Satisfeito permanece,  
É bastante dar um grito,  
O gado já lhe conhece”

No presente, o objetivo dos vaqueiros nessa modalidade de competição é meramente pegar e dominar as reses “bravas” soltas nas mangas e retirar delas os chocalhos que foram previamente marcados e discriminados pela comissão organizadora (atendendo a um critério de dificuldade conforme o grau de “brabeza” dos bois), isso como forma de comprovar quem realmente pegou qual rês. Esses chocalhos servem como prova de que os bois que os carregavam foram pegos pelo vaqueiro ou dupla de vaqueiros, que os estiverem portando e que serão premiados, com dinheiro e troféus, logo após a missa.

A pega de bois que, nos tempos passados, constituía-se como uma necessidade do sistema econômico da “Civilização do Couro” (Capistrano de Abreu, 1982) e como uma obrigação (no sentido de dever, tarefa, função) profissional do vaqueiro (que consistia em pegar as reses desgarradas dos rebanhos e, não como no presente, deliberadamente soltas em mangas pré-de-

<sup>6</sup>Termo utilizado pelos agricultores da região para designar grandes áreas contínuas de caatinga fechada ou preservada, geralmente são as áreas destinadas à composição das reservas legais das propriedades.

terminadas). Nos tempos atuais, estabelece-se, não só como uma competição ou uma modalidade esportiva, em que está em jogo aspectos de ordem econômica (é o caso da premiação em dinheiro), mas também como prática de sociabilidade que faz a mediação entre aspectos de ordem simbólica (quando atualiza a figura histórica do vaqueiro), de distinção e de imposição/demonstração de um estilo de vida<sup>7</sup> – o que se verifica, por exemplo, na valorização/representação da coragem (e/ou masculinidade) de entrar no mato e correr risco de vida, através de atos de autoflagelação, realizados, nesse caso, pelo fato de voltar do mato com rosto sangrando (cortado pelo espinhos da caatinga) a ser exibido com alegria, como um troféu muito mais valioso que os troféus que acompanham a premiação em dinheiro (como é demonstrado na Figura 2).

Passadas três ou quatro horas de intenso trabalho em busca do gado, na pega dos bois, os vaqueiros, alinhados em dupla, retornam a Bonfim (PE), trazendo os chocalhos (os que conseguiram pegar os bois), e fazem uma espécie de cavalgada ou cortejo – exaltando a imagem do santo padroeiro do distrito (São Severino do Ramo), de “Nossa Senhora Aparecida” e as bandeiras do Brasil e de São José Egito (PE) – ao som de búzios<sup>8</sup>, que vai do cruzeiro (localizado ao sul do distrito) até o “oitão” da igreja, momento em que recebem camisetas com emblemas comemorativos e senhas utilizadas num sorteio de brindes que ocorre juntamente com a premiação, após a missa campal.

Figura 2 – Fotografia de vaqueiros retornando do mato na pega de bois no distrito de Bonfim (PE) – detalhe para o rosto ferido, 18/12/2010



Fonte: Acervo do autor

Para a realização da missa, ao pôr do sol, ao lado da igreja, os vaqueiros (ainda montados) organizam-se de maneira a reservar, na parte da frente, mais próxima ao padre, os lugares que serão ocupados pelos vaqueiros homenageados, os mais idosos e os que estão “encourados” (vestidos com o terno de couro), enquanto a parte de trás fica reservada (não sabemos

<sup>7</sup>Num sentido bem próximo ao dado por Delma Pessanha Neves num trabalho de 1996 (não publicado, mas cedido pela autora, para consulta) sobre exposições agropecuárias no Rio de Janeiro, em que interpretava esses eventos como práticas de sociabilidade que promoviam/divulgavam estilos de vida e processos de diferenciação entre criadores de animais que se estabeleceram após a decadência da cafeicultura naquele estado.

<sup>8</sup>Pequeno berrante feito com apenas um chifre de boi, utilizado originalmente por vaqueiros, em pegas de bois, para comunicar aos outros vaqueiros que uma rês desgarrada acabara de ser pega.

se por deliberação da organização, ou se por demonstração de respeito aos vaqueiros encou- rados) aos cavaleiros que estão montados, mas trajando roupas comuns. Ao todo, no ano de 2010, presenciaram a missa cerca de 200 vaqueiros montados, além das pessoas não montadas (aproximadamente 300), que se dispunham ao redor daqueles.

O altar, montado na calçada da lateral esquerda da igreja (Figura 3), é previamente or- namentado com plantas da caatinga (cactos principalmente) e com grande quantidade de obje- tos utilizados nas práticas agrícolas, mas principalmente, no trato com o gado: celas, estribos, rédeas, cabeçadas, cabrestos, arreadores, caretas, cangas, carros de bois, ferros com marcas das fazendas, ferrão, cordas de laçar, arados e cultivadores de tração animal<sup>9</sup> etc. O padre, para rea- lização da missa, costuma trajar-se de vaqueiro: por cima da batina, utiliza gibão, peitoral, per- neiras e chapéu de couro (que é retirado, como sinal de respeito, no início da celebração, ges- to que é seguido em peso pela vaqueirama).

Figura 3 – Fotografias da celebração da Missa com vaqueiros no distrito de Bonfim, São José do Egito (PE), 18/12/2010



Fonte: Acervo do autor

Todo o ritual eucarístico, músicas, hinários de oblação, salmos, homilia e comunhão são adaptados de maneira a aproximar a celebração ao cotidiano dos vaqueiros. O próprio padre introduz as canções (que são executadas com acompanhamento de violão, baixo, guitarra e san- fona) com aboios e estrofes de toadas que se referem, principalmente, à “luta com o gado”. Al- gumas dessas músicas executadas são de autoria do padre, outras, como “A morte do vaquei- ro”, foram popularizadas por Luiz Gonzaga na celebração da missa de Serrita (PE), já referida anteriormente.

Após as leituras do novo e velho testamento da bíblia católica, o padre inicia o discurso de homilia que é adaptado de maneira a atrair a atenção da vaqueirama e influenciá-la para o cumprimento de certas condutas morais. O interessante nessa etapa são justamente os recursos linguísticos e discursivos que o celebrante utiliza para chamar a atenção dos vaqueiros. Nesse

<sup>9</sup>Essas duas últimas ferramentas também estão entrando em desuso com o advento do trator, apesar de que as juntas de bois, que tracio- nam essas ferramentas, continuam sendo foco de muitos negócios. Entendemos que o uso das juntas de bois nos negócios é uma ressigni- ficação de um costume ‘tradicional’ que tem sido utilizado com outros fins, como por exemplo, para agregar valor à pecuária de corte.

dia, para pregar uma conduta de harmonia e tolerância entre os diferentes, todo o discurso se deu no sentido de recuperar e ressaltar o papel histórico do “vaqueiro do gibão” como “herói do Sertão”, responsável pela colonização e destinação econômica da região, apesar de ter sofrido, em alguns casos, “injustiças por parte do patrão”, ou do fazendeiro. Opera, nesse sentido, a fala do padre ao proferir homilia na missa, que apoiado num certo saudosismo, fala da importância do vaqueiro para a povoação do Sertão, como se vê abaixo:

(...) Queridas irmãs, queridos irmãos vaqueiros, admiradores dos vaqueiros e homens e mulheres que ainda valorizam e veem o campo como um sinal de que nós podemos ainda viver, apesar dos tempos, as características da cultura rural. Na verdade a missa que tem os vaqueiros como noiteiros e como o vaqueiro está muito ligado à religiosidade, como o vaqueiro está muito ligado ao campo, à fé e como aqui, em Pernambuco, nós temos uma história muito bonita de um vaqueiro que morreu nas caatingas, no Sertão do Araripe e que padre João, juntamente com Luiz Gonzaga, instituíram no calendário artístico, cultural e religioso do Estado, uma missa com vaqueiros, o Brasil inteiro, até no Sul, celebra missa em homenagem aos vaqueiros que morreram e também aos vaqueiros que estão vivos, vaqueiros de verdade, vaqueiro que fizeram parte de nossa história e vaqueiros que foram responsáveis pela expansão da cultura, mas sobretudo foram os vaqueiros os primeiros habitantes dessa terra depois dos índios, porque quando os portugueses chegaram no Brasil, quando as capitânicas hereditárias começaram a dar lucro com açúcar, e quando o ciclo do açúcar foi se acabando em Pernambuco, na Bahia e nos outros estados, se começou a trazer gado pra cá, gado para ser criado e foi através dos rios, do Rio São Francisco, através dos outros rios afluentes, que foi chegando a criação do gado aqui ou se tangendo da Zona da Mata e foram fundadas as cidades, por exemplo, Serra Talhada, Flores, Carnaíba de Flores, a própria São José do Egito, foi quando vaqueiros ou boiadeiros passando, se arrancham e ali começa a povoação, sobretudo nas beiras dos riachos e rios de nossa região dos sertões. Então, nós podemos dizer que quem habitou, quem colonizou os nossos sertões, foram nossos vaqueiros. Mas os vaqueiros além das histórias bonitas, têm as histórias tristes, das tantas histórias de injustiça cometidas aos vaqueiros, sobretudo dos patrões que muitas vezes tinha o trabalho escravo do vaqueiro, mas não o valorizava como um trabalhador do campo. Têm aqueles outros vaqueiros atualmente, que a gente chama os vaqueiros de almofoadinho, não é Delmiro, aqueles que gostam, Antônio Andrade também, aqueles vaqueiros que admiram demais, mas não têm coragem de derrubar boi, não é assim? Mas admiram o homem do campo, mas que na verdade, nós devemos valorizar os vaqueiros, o trabalhador do campo, pois com certeza esses cavalos são criados no campo e não na cidade (...) assim, o Profeta Isaías propõe viver em harmonia, lobo e cordeiro vão comer juntos (...) - Padre da Paróquia da Ingazeira (PE), que realiza missa com vaqueiros em toda região do Pajeú (PE).

Nesse mesmo discurso, o padre, ao exaltar a figura histórica e a função econômica do vaqueiro, defende o que ele chama de “cultura rural” ou “cultura do campo”, em oposição à cultura das cidades. O que ocorre é uma legitimação do rural em detrimento do urbano. Para isso, o celebrante faz uma associação direta entre a função do vaqueiro e, por tabela, da pecuária, e o mundo rural do sertão. Nessa ocasião, a pecuária, muito mais que a agricultura é o símbolo do rural nordestino e, portanto, o rural é necessariamente o lugar da pecuária, o lugar em que o vaqueiro é bastião da cultura do Sertão.

Na fala, o padre faz menção a uma oposição entre o vaqueiro (visto como trabalhador escravo ou semiescravo) e o patrão (fazendeiro explorador). No entanto, essa oposição históri-

ca fica, pelo menos na missa, obscurecida pela presença – lado a lado, e nas mesmas condições e com os mesmos trajes – de proprietários (inclusive grandes) e trabalhadores sem propriedade (vaqueiros, tratadores de gado, diaristas) e pela referência aos “vaqueiros homenageados” (nesse dia, como vemos no cartaz de divulgação, acima, os senhores Zé Felipe e Damião Leite) que não eram vaqueiros por profissão, mas na verdade, “proprietários remediados<sup>10</sup>” que, por sua vez, contratavam vaqueiros.

Compreendemos que existe uma ambiguidade ideológica e discursiva nessa situação social e que serve, de certa maneira, para criar um ambiente, aparentemente pacífico, no processo de legitimação do projeto territorial que a pecuária, especialmente a bovina, representa. Nesse contexto, quando a missa, mesmo sem uma intenção pré-estabelecida ou deliberada, iguala, através do ritual, o fazendeiro que se traja de vaqueiro, para também se sentir prestigiado, e o vaqueiro, que ao ver o fazendeiro reduzido à sua condição, se sente homenageado, promove a legitimação da pecuária, atividade que historicamente vinculou esses dois agrupamentos sociais e que hoje passa a vincular, também, outros atores sociais (agricultores familiares, “trabalhadores do campo”, tratadores de gado, assentados da reforma agrária etc) que, ao homenagear na missa a (e incorporar a personagem da) figura histórica do vaqueiro, atualiza esse projeto territorial que tem no criatório de animais o foco central.

Assim, ao invés de uma interpretação funcionalista ou interacionista sobre esses eventos que circundam a pecuária, que privilegiam, uma integração social em torno de representações e, a outra, a interação entre indivíduos a partir do compartilhamento de símbolos, o que ocorre, muitas vezes, em prejuízo da elucidação de relações de poder e dominação, interpreta-se a pecuária e as formas de sociabilidade que giram em torno dela como partes do processo de sedimentação de sistemas simbólicos (Bourdieu, 2007) e a estruturação de disposições que conduzem diferentes indivíduos à reprodução de estilos de vida de determinados grupos sociais dominantes, sem obscurecer, ao invés disso, reforçando, no dia a dia de fazendeiros, vaqueiros e agricultores familiares diferentes posições e papéis sociais responsáveis pela distribuição desigual de poder.

## 2. VAQUEJADAS, BOLÕES, CAVALGADAS E LAÇOS DE BODE: ESPORTE E ENTRETENIMENTO NA LEGITIMAÇÃO DA PECUÁRIA

Nesse mesmo sentido que a missa, as vaquejadas e os bolões de vaquejada incentivam o investimento na criação de animais se, por um lado, compõem o cenário artístico, cultural e esportivo<sup>11</sup> daquela região, por outro, legitimam o projeto produtivo da pecuária. Dessa maneira, Bonfim (PE), com quatro pistas de vaquejada e Santa Rita (PE) com três, promovem pelo menos sete pequenas vaquejadas (também chamadas de bolões de vaquejada) e quatro “pegas de bois” (uma delas realizadas durante a missa do vaqueiro, em dezembro) ao longo do ano, em que estão presentes, seja para competir, seja apenas para assistir, grande parte dos moradores dos sítios circunvizinhos. É nessa lógica de justificar o avanço do criatório, também fazendo referência a esses eventos, que opera a fala de um agrônomo, proprietário e criador nos arredores de Bonfim (PE):

<sup>10</sup>Se não ricos, com boa quantidade de terras e gado.

<sup>11</sup>As “pegas de bois” e as vaquejadas que, no passado, eram atividades produtivas obrigatórias e necessárias ao criatório – para apartar as boiadas das várias fazendas, que devido à falta de cercas, num sistema de criação extensivo, se misturavam – atualmente assumem um novo caráter de entretenimento e de recreação. Essas atividades deixaram de ser obrigação, ou trabalho, para se tornarem esportes, destinadas ao divertimento. Devido ao alto grau de profissionalização que esses esportes (principalmente a vaquejada) têm alcançado, são, para alguns indivíduos, altamente lucrativos.

(...) Eu acho que essas coisas, a missa, a “pega de bois” e a vaquejada contribuem sim com o avanço da pecuária. Veja bem, eu me criei por aqui e tenho participado de quase todas as missas, se você vê a quantidade de animais aqui na região de Bonfim e de pista de vaquejada de uns dez anos pra cá, a coisa aumentou muito viu. Aumentou o número de pessoas que vem pra missa e o número de cavalos, mas aumentou também o gado, porque esse povo que tem cavalo, esses meninos mais novos desse povo mais pobre mesmo, eu conheço um bocado, quase todos têm cavalo e compra uns bichinhos para correr atrás, pra treinar, pra ir num bolãozinho. O que eu vejo muito nessa turma mais nova é que quando pega num dinheirinho, já compra é, uma moto, um cavalo e uns garrote pra correr atrás. E assim eles vão começando a criar, no começo é só farra, gastando, mas eles gostam da farra, querem continuar com isso aí vão vendo que tem que trabalhar, tem que criar também pra ter os trocados, aí vão negociando, vão ganhando gosto (...) Sim, eu sei de muita gente também, inclusive alguns colegas meus que nasceram e se criaram na cidade, nunca moraram na zona rural, mas que são apaixonados pelas festas de vaquejada, começaram a gostar da vida do gado, compraram terra, compraram gado, cavalo e viraram criadores, conheço bancário, médico, funcionário público, que começaram a criar gado por causa da vaquejada, são apaixonados pela vida do gado, tem uns que correm mesmo, outros só formam as equipes para representar suas fazendas, etc (...) - Agrônomo, 34 anos, proprietário de 150 ha em Bonfim - PE).

Assim, as vaquejadas e os bolões operam, de forma direta, como eventos esportivos, de competição (com premiação para os ganhadores) e de entretenimento (como local de interação e ponto de encontro para pessoas de várias localidades, seja para conversar e beber, seja para dançar forró). Indiretamente, legitima o projeto da pecuária, pois vincula o cotidiano dos competidores e dos espectadores a um estilo de vida que tem, no criatório de animais, o foco central. A vaquejada, que é um evento maior, com alta premiação, e que geralmente é realizada por proprietários mais abastados serve de referência para a realização dos bolões, que é realizado tanto por pequenos proprietários, quanto por não proprietários.

Nesse sentido, na Figura 4, à esquerda, mostra o cartaz de divulgação da vaquejada de inauguração de um novo parque de vaquejadas, no município de São José do Egito (PE), que ocorreu recentemente. Esta vaquejada, assim como outras maiores e já consolidadas na região, servem de referência para a realização de pequenos bolões nos sítios (como o que se apresenta no lado direito da Figura 4, realizado no Parque Ana Maria, no sítio Santo Izidro, próximo ao distrito de Bonfim - PE ), além de despertar o interesse na realização desses eventos, inclusive em pessoas que não têm propriedade.

Figura 4 – Cartaz de vaquejada realizada em São José do Egito (PE) e troféu de premiação em bolão de vaquejada realizado no Sítio Santo Izidro, Bonfim (PE)



Fonte: Acervo do autor

A Figura 5 expõe um cartaz de divulgação (bem simples) de um bolão realizado no mês de agosto de 2011, que foi organizado por três irmãos, filhos de um ex-morador da Fazenda São João, e que, naquele momento, esperavam ser contemplados pela política de reforma agrária. Como ainda não tinham uma área para a construção do parque de vaquejada próprio, os irmãos recorreram ao parque da fazenda São João, próximo à Santa Rita (PE), que foi devidamente emprestado, pelo proprietário, para a realização do bolão. Mais um exemplo de parceria entre pequenos proprietários (ou trabalhadores rurais sem terra) e grandes proprietários na realização de eventos que legitimam o projeto produtivo da pecuária e a colocam como símbolo do mundo rural nordestino.

Figura 5 - Cartaz de divulgação de bolão de vaquejada realizado na Fazenda São João, distrito de Santa Rita, Tuparetama (PE)



Fonte: Acervo do autor

Outro evento que contribui para a legitimação da pecuária e vem se consolidando na região, é a Cavalgada da Integração (que no ano de 2011, estava sua na quinta edição), que sai de Monteiro (PB) e vai até São José do Egito (PE), com pernoite para os cavaleiros no distrito de Bonfim (PE). Da mesma forma que as vaquejadas, esse é um evento que diretamente está relacionado com o entretenimento (pois mistura passeio a cavalo, forró, aboio, almoço e ‘bebedeiras’, como demonstra a Figura 6), mas que, indiretamente, se insere na arena discursiva em favor da pecuária. É dessa forma que opera a fala de um participante/patrocinador do evento, num vídeo de divulgação, que ao declarar o apoio de sua instituição (uma cooperativa de crédito que realiza operações de microcrédito rural e do PRONAF no Pajeú) à cavalgada, faz apologia à cultura rural vinculando à figura do cavaleiro à figura do vaqueiro:

“(...) eu gostaria de agradecer aos monteirenses pela oportunidade que deram ao Pajeú da gente se congratular de fazer essa cavalgada excelente. O SICOOB/CREDIPA-JEÚ tá junto com a cultura, nós somos admiradores dessa parte e estamos prontos para que essa parte da cultura não morra, os vaqueiros tem que existir, nós temos que viver juntos com eles”. (Diretor da SICOOB/CREDIPA-JEÚ, 60 anos, São José do Egito (PE).

Figura 6 – Cartaz de divulgação da 5ª Cavalgada da Integração, Monteiro (PB), São José do Egito (PE)



Fonte: Acervo do autor

Por fim, apresentamos uma manifestação cultural que tem ganhado notoriedade como competição esportiva e espaço de entretenimento e sociabilidade que também ajuda a legitimar o criatório de animais. Trata-se da modalidade intitulada de laço de bode, em que recebem prêmios em dinheiro os indivíduos que laçarem mais e em menos tempo, animais (caprinos ou ovinos) que são soltos num espaço denominado de parque. Nessa competição são valorizadas as habilidades do sujeito “laçador”, a destreza em capturar e dominar os animais.

Trata-se, mais uma vez, da referência à figura histórica, mítica e heroica do vaqueiro, apesar de que, aqui, a ação dos competidores estarem direcionadas a animais de pequeno porte. Mudança que se explica talvez como forma de uma adaptação às condições econômicas da agricultura familiar (que se desfez de seu rebanho de bovinos, nesse longo período de estiagem, mantendo os caprinos e ovinos) ou de mitigação dos riscos a que se expõem os vaqueiros nas vaquejadas e pegas de boi<sup>12</sup>.

Na figura 7, identifica-se no laço de bode, assim como ocorre com as vaquejadas, as missas com vaqueiros e as pegas de bois, uma combinação de elementos da “encenação” ou “representação” das atividades comuns ao processo produtivo tradicional da pecuária (reelaboradas como competição ou modalidade esportiva) com o entretenimento através de festividades em que se canta e dança forró (tanto do tipo chamado “pé-de-serra”, quanto do que se denomina “estilizado”).

<sup>12</sup>São hipóteses a serem testadas em trabalhos futuros.

Figura 7 – Cartaz de divulgação da festa de inauguração do Parque Santo Expedito e realização da primeira edição do Laço de Bode – Tuparetama (PE) – Junho de 2016



Fonte: Acervo do Autor

Essa modalidade promove para os competidores espaços e momentos que se complementam de forma contraditória. Ao mesmo tempo em que disputam, se diferenciam e se socializam. Disputas que são concretizadas no interior do parque podem ser desfeitas na festa e na bebedeira entre amigos, ou reforçadas, entre inimigos (especialmente quando está em jogo a conquista de um par para dançar ou um(a) pretendente que causa admiração, ao mesmo tempo, em dois competidores).

Num esforço de aproximação com Marcel Mauss (1974), esses eventos assemelham-se a fatos sociais totais que tem implicações em várias dimensões da vida social e exprimem várias instituições que constroem, incentivam e modulam os indivíduos e grupos a agirem e fazerem determinadas escolhas. Uma das consequências das características desses vários eventos é o direcionamento produtivo dessas pessoas participantes à atividade da pecuária, a orientação dos indivíduos aos gostos e estilos de vida a ela relacionados e a legitimação do criatório de animais com um dos mais importantes símbolos do mundo rural sertanejo e nordestino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa que deu origem a esse trabalho pôde-se compreender alguns processos de mudança social que estão ocorrendo na microrregião do Pajeú, mas que ilustraram o leque de transformações sociais em curso no Semiárido, especialmente em áreas em que agricultores familiares vêm, crescentemente, tendo acesso à terra.

O processo que é chamado, ao longo do texto, de (re)pecuarização compõe, portanto, esse quadro de câmbio que se estabelece, especialmente no meio rural da zona semiárida, após a crise do sistema algodão/pecuária/latifúndio/moradia/culturas alimentares, momento em que, devido a complexas mudanças figuracionais, emerge um quadro que se apoia em novas relações de poder, e que se fundamenta, ao mesmo tempo, num processo de desconcentração fundiária,

em mudanças nas relações de trabalho e no padrão de família do Sertão, como também a processos econômicos, sociais e políticos que conectam as esferas local, regional e nacional (como por exemplo a expansão das cadeias produtivas do “boi gordo” e da avicultura, e o surgimento de um quadro institucional favorável à participação da agricultura familiar na formulação e execução de políticas públicas estaduais e nacionais destinadas a esse setor).

A crise do latifúndio e do sistema de moradia (aspectos que se inter-relacionam) são fatores emergentes da ruína do sistema que teve o algodão (e/ou sisal, no caso do Pajeú) como produto central. Se para o latifúndio essa crise significou, por um lado (para as grandes propriedades que ainda persistem), um direcionamento à pecuária, com o fim da cotonicultura e com os relacionados processos de expulsão de moradores e trabalhadores meeiros, por outro, significou seu progressivo aniquilamento e a liberação de áreas dessas grandes propriedades (seja através da venda e repartição, seja através das políticas de reforma agrária) para a agricultura familiar, que após meados de 1980, pelo menos no Pajeú, passou a se dedicar, com uma preferência crescente, à criação de animais. Desses aspectos resulta, justamente, o processo de (re)pecuarização, entendido como reconversão produtiva, que tem repercutido nas relações sociais de agricultores familiares da região.

O processo de (re)pecuarização expressa-se numericamente pelo aumento dos rebanhos e pela expansão das áreas de pastagem sobre as áreas destinadas às lavouras temporárias, no entanto, envolve, também, a resignificação da pecuária que opera ao mesmo tempo: a) pela opção preferencial de agricultores familiares pela atividade em detrimento da agricultura; b) pelo crescente processo de legitimação dos projetos territoriais do criatório, através da difusão de políticas públicas que destinam a maior parte dos recursos para atividades relacionadas com a criação de animais, e da propagação de variados discursos de desenvolvimento que – mesmo quando entram em contradição uns com os outros, como é caso do de “combate à seca” e do de “convivência com o Semiárido” – fazem a defesa das atividades do criatório como as mais adequadas para o Semiárido; c) pela crescente racionalização da atividade, por parte dos produtores que, a cada dia mais, vinculam suas atividades produtivas em torno do criatório a fins específicos e; d) pela atualização dos símbolos históricos e culturais da pecuária por meio de eventos religiosos, esportivos, culturais e de entretenimento.

Foi a esse último aspecto que se direcionou esse trabalho. Demonstrou-se como as vaquejadas, missas com vaqueiros, pegas-de-boi no mato, cavalgadas e laços de bode contribuem para a atualização dos símbolos históricos da pecuária, pode-se dizer, sedimentando nos indivíduos sistemas de disposições incorporadas (Bourdieu, 2007) ou mesmo estruturas mentais (Elias, 1980) que engendram estilos de vida relacionados com o criatório de animais colocando-o como uma das principais referências ideológicas do mundo rural nordestino. Símbolos que puderam perfeitamente conectar-se aos discursos técnico e político das medidas governamentais de desenvolvimento – como demonstrado em Nunes (2011) – para legitimar a atividade do criatório de animais e recolocá-la como a principal estratégia produtiva do Pajeú e do Semiárido brasileiro, apesar dos reveses periódicos que ocorrem a cada década, com os ciclos de estiagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, F. J. e ASSUNÇÃO, L. “Sob a Luz da Tradição e do Negócio”: Vaqueiros e Patrões nas Vaquejadas Contemporâneas no Rio Grande do Norte-RN. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. Políticas da Antropologia: Ética, Diversidade e Conflitos. João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/index.php>. Acesso em: 07/11/2018.
- ANDRADE, M. C. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- BARBOSA, E. L. Valeu boi: o negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. O poder simbólico. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAPISTRANO DE ABREU, J. Capítulos de história colonial: 1500-1800 & os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Brasília: EDUNB, 1982.
- ELIAS, N. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.
- NEVES, D. P. Exposições agropecuárias: mercados de distinção. 1996. (Draft)
- NUNES, A. M. B. A (re)pecuarização do Semiárido nordestino: reconversões produtivas entre agricultores familiares do Pajeú (PE). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campina Grande, PB, 2011.
- PRADO JÚNIOR, C. História Econômica do Brasil. 48 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SILVA, M. M. e LIMA, D. M. Sertão Norte: Área, do sistema gado-algodão. Recife, SUDENE, Coordenadoria de Planejamento Regional. Série Estudos Regionais, n. 6, 1982.